



# do Legislativo de 20/07/2001

MESA DA ASSEMBLÉIA

Presidente: Antônio Júlio - PMDB

1º-Vice-Presidente: Alberto Pinto Coelho - PPB

2º-Vice-Presidente: Ivo José - PT

3º-Vice-Presidente: Olinto Godinho - PTB

1º-Secretário: Mauri Torres - PSDB

2º-Secretário: Wanderley Ávila - PPS

3º-Secretário: Álvaro Antônio - PDT

SUMÁRIO

1 - ATA

1.1 - 138ª Reunião Especial

2 - MATÉRIA ADMINISTRATIVA

ATA

ATA DA 138ª REUNIÃO ESPECIAL, EM 25/6/2001

Presidência do Deputado Antônio Júlio

Sumário: Comparecimento - Abertura - Ata - Composição da Mesa - Registro de presença - Destinação da reunião - Execução do Hino Nacional - Palavras do Sr. Presidente - Palavras do Deputado Paulo Piau - Palavras do Sr. Gilman Viana Rodrigues - Entrega de placa - Encerramento - Ordem do dia.

Comparecimento

- Comparecem os Deputados:

Antônio Júlio - Mauri Torres - Agostinho Patrús - Agostinho Silveira - Ambrósio Pinto - Amilcar Martins - Dalmo Ribeiro Silva - Dimas Rodrigues - Durval Ângelo - Geraldo Rezende - Gil Pereira - João Batista de Oliveira - José Henrique - Márcio Kangussu - Marco Régis - Mauro Lobo - Paulo Piau - Sebastião Costa - Sebastião Navarro Vieira.

Abertura

O Sr. Presidente (Deputado Antônio Júlio) - Às 14h15min, declaro aberta a reunião. Sob a proteção de Deus e em nome do povo mineiro, iniciamos os nossos trabalhos. Com a palavra, o Sr. 2º-Secretário, para proceder à leitura da ata da reunião anterior.

Ata

- O Deputado João Batista de Oliveira, 2º-Secretário "ad hoc", procede à leitura da ata da reunião anterior, que é aprovada sem restrições.

Composição da Mesa

O Sr. Presidente - A Presidência convida a tomar assento à mesa os Exmos. Srs. Hélio Machado, Secretário Adjunto de Estado da Agricultura, representando o Governador do Estado, Dr. Itamar Franco; Gilman Viana Rodrigues, Presidente da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais - FAEMG -; Antônio Ernesto Werna de Salvo, Presidente da Confederação Nacional da Agricultura; Deputado João Batista de Oliveira, Presidente da Comissão de Política Agropecuária nesta Casa; e Deputado Paulo Piau, autor do requerimento que deu origem a esta homenagem; e registra a presença, em Plenário, da Sra. Ângela Maria Prata Pace Silva e Assis, Secretária de Estado da Justiça e de Direitos Humanos.

Registro de Presença

O Sr. Presidente - A Presidência registra a presença, em Plenário, da Sra. Angela Maria Prata Pace Silva e Assis, Secretária de Estado da Justiça e de Direitos Humanos de Minas Gerais.

Destinação da Reunião

O Sr. Presidente - Destina-se esta reunião a homenagear a Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais - FAEMG - pela passagem do seu 50º aniversário de fundação.

Execução do Hino Nacional

O Sr. Presidente - A Presidência convida todos a ouvir a execução do Hino Nacional.

- Procede-se à execução do Hino Nacional.

#### Palavras do Sr. Presidente

Exmos. Srs. Hélio Machado, Gilman Viana Rodrigues, Antônio Ernesto Werna de Savo, Deputado João Batista de Oliveira, Deputado Paulo Piau, Srs. Deputados, convidados presentes, a história brasileira nos mostra que o peso da atividade agropecuária permanece relevante ao longo dos anos, independentemente das oscilações da economia.

Durante longo período, no Brasil Colônia, as atividades produtivas se concentraram na mineração e na cultura do café e da cana-de-açúcar. No Brasil republicano, decresceu a importância da extração mineral, mas a agropecuária continuou como um dos eixos econômicos. A monocultura do café garantiu por bom tempo o equilíbrio da balança comercial.

A industrialização não eliminou, mas, antes, fortaleceu a vocação do País para a atividade rural. Isso se explica porque somos um continente, dotado de vastas extensões aráveis e clima favorável à agricultura e à pecuária. Ora, num mundo em que os alimentos escasseiam, quem os produz tem nas mãos um valioso instrumento de troca. A produção nacional hoje alimenta mais de 150 milhões de brasileiros, e os excedentes exportados garantem divisas consideráveis ao País.

Não se discute, portanto, a relevância da contribuição do produtor rural ao processo socioeconômico brasileiro. Nosso povo sabe disso e o reconhece, identificando, naqueles que chamamos "os fazendeiros" - pequenos, médios ou grandes -, uma de suas instituições mais respeitadas. Quanto ao poder público - perguntamos -, o reconhecimento será o mesmo? É forçoso dizer que nem sempre.

Na verdade, o ruralista brasileiro é tradicionalmente sacrificado com a descontinuidade e com as distorções na política oficial para o setor. Financiamentos inexistentes ou inferiores ao necessário, falta de proteção contra o produto estrangeiro subsidiado, política de preços que procura conter a inflação à custa do sacrifício do ruralista, eis alguns dos problemas.

Nesse panorama, podemos atestar, com grande satisfação, que o Legislativo mineiro desenvolve política uniforme e objetiva em relação à atividade agropecuária. A homenagem que hoje prestamos à FAEMG, pelo seu cinquentenário, vem confirmar tal linha de pensamento e de ação adotada por esta Casa.

Sem querer historiar a trajetória da FAEMG, lembremos que poucas entidades de classe são tão representativas como a nossa homenageada. Ela é sinônimo de seriedade e preocupação para com o bem público, jamais se restringindo a interesses específicos. Nos dias atuais, vincula-se a quase 400 sindicatos rurais mineiros, congregando cerca de 400 mil pequenos, médios e grandes produtores. É todo um universo atuando em prol do fortalecimento econômico e do desenvolvimento humano, haja vista que apenas a produção agrícola mineira responde por 6.000.000t de grãos por ano.

Foi, no já distante ano de 1951, que se fundou a FAEMG. De lá para cá, vem intensamente trabalhando não só em defesa dos legítimos direitos dos ruralistas, mas também para assegurar a Minas Gerais, entre outros aspectos, o 1º lugar na produção nacional de leite e café e no reflorestamento, enquanto detém o segundo maior rebanho bovino do País.

A reunião especial de hoje decorre de iniciativa do caro companheiro Deputado Paulo Piau, um dos baluartes do ruralismo neste parlamento. Trata-se de iniciativa feliz, sob todos os aspectos, essa do nosso ilustre colega: afinal, a Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais jamais poderia omitir-se na homenagem à FAEMG, pelo seu cinquentenário.

Parabéns, FAEMG! Parabéns, ruralistas mineiros! Temos a certeza de que continuarão, de modo efetivo, a ajudar o Brasil a superar os impasses e tornar-se a nação justa e próspera que tanto queremos. Obrigado.

#### Palavras do Deputado Paulo Piau

Senhores produtores rurais do querido Estado de Minas Gerais, Sr. Presidente desta Casa - de quem gostaria de ressaltar o empenho para que esta reunião se realizasse, abrindo mão de outras solenidades e fazendo questão de que esta homenagem se concretizasse -, Dr. Hélio Machado, Dr. Gilman Viana Rodrigues, nosso amigo e companheiro, Dr. Antônio Ernesto de Savo, Deputado João Batista de Oliveira, pessoa que está realizando um trabalho muito competente, senhoras e senhores, imprensa, telespectadores da TV Assembléia, Presidentes de sindicatos rurais, peço-lhes permissão para homenagear o Presidente do Sindicato Rural de Patos de Minas, Sr. Romero, por meio do qual cumprimento todos os demais, pois meu pai, Jairo Nogueira, já foi Presidente do mesmo Sindicato.

Sinto um imenso orgulho por ser o autor desse requerimento. A nossa luta em prol de uma sociedade mais organizada - único caminho para que o nosso País mude de patamar e se desenvolva - é muito grande. A FAEMG, hoje nossa homenageada, representa a organização dos produtores de Minas Gerais. Por seu intermédio, podemos sonhar com uma sociedade rural mais competente e um Estado cumpridor das políticas públicas necessárias ao desenvolvimento da nossa agropecuária.

Há 50 anos, quando a FAEMG foi criada, o nosso Estado contava cerca de 5 milhões de habitantes e 80% da população morava no meio rural. Meio século depois a situação é completamente inversa. Minas conta hoje cerca de 17 milhões de habitantes, 500 mil produtores e uma produção agrícola acima de 6 milhões de toneladas de grãos. O nosso Estado produz 1/3 do leite do País e a metade do café.

Durante esse período, a FAEMG assistiu a profundas mudanças econômicas, sociais e políticas não só no âmbito do Estado, mas em âmbitos nacional e mundial. Afinal, a globalização da economia impõe a necessidade de uma agricultura próspera nos moldes empresariais, tendo em vista a competitividade crescente, em especial com relação ao mercado externo. Vivemos a era da Internet e a era da biotecnologia na agropecuária.

Outro fato relevante nesse período, o qual se vem consolidando nos últimos anos, é a visão dos negócios da agricultura com base nas cadeias produtivas. O agronegócio vem proporcionando ao agricultor, à agroindústria e ao comércio espetacular valor agregado, que representa cerca de 35% do PIB brasileiro, ocupa 25% da população economicamente ativa e representa 41% da exportação nacional.

Nesse contexto, é fundamental a participação ativa dos agricultores, que devem estar socialmente organizados, politicamente inseridos nas diretrizes do País e economicamente viabilizados diante da produção agropecuária. Diga-se de passagem que, nesses últimos 18 anos, segundo estudos da Fundação Getúlio Vargas, a produção agrícola aumentou e a área plantada foi reduzida. Houve, pois, sem dúvida, forte incorporação tecnológica, numa demonstração clara de competência dos produtores rurais aumentando a produtividade. Lamentavelmente, a renda do produtor caiu nesse mesmo período, descapitalizando fortemente o setor agrícola.

A FAEMG, atenta a esses processos e a essas transformações, tem realizado forte ação política junto aos poderes constituídos, junto à Confederação Nacional da Agricultura e junto de seus sindicatos rurais, objetivando defender as demandas dos produtores rurais, seus interesses e direitos.

Com isso, a FAEMG cresceu e vem se estruturando continuamente para atender à evolução do mundo e se coloca hoje em posição de destaque no cenário nacional, entre as federações dos demais Estados. Destacamos o seu empenho no combate à febre aftosa, mal que prejudicava diretamente não só a pecuária, mas também a exportação de vários produtos do nosso País. Citamos também o Congresso Mundial da Carne, realizado em Minas Gerais, sob a coordenação da FAEMG, mais especificamente do Dr. Gilman Viana Rodrigues. Ultimamente, durante as difíceis negociações com a Área de Livre Comércio das Américas - ALCA -, a nossa Federação tem tido um destaque especial.

O treinamento dos agricultores por meio do SENAR, a qualificação gerencial dos sindicatos, o apoio jurídico e econômico aos associados e o trabalho das comissões técnicas especializadas permitem à FAEMG, simultaneamente, amparar os produtores rurais e subsidiar os programas públicos e privados no estabelecimento de políticas e de ações empresariais.

A expressiva e dinâmica FAEMG de hoje teve seu embrião nas 22 associações rurais representativas de todo o Estado de Minas, instaladas no final da década de 40. Numa lúcida

iniciativa do Dr. Josaphat Macedo, durante o I Congresso de Classes Produtoras, em Araxá, o ilustre médico e líder agropecuarista sugere a criação da Federação das Associações Rurais do Estado de Minas Gerais - FAREM -, em 1951.

De FAREM a FAEMG, muitas lutas e embates foram travados nesses 50 anos de existência, tais como indenização de terras inundadas, Imposto Territorial Rural, mobilização em torno da reforma agrária, destaque da agricultura na participação e formação da renda nacional, capitalização do agricultor, excessiva carga tributária sobre o setor rural, securitizações, seguros agrícolas, linhas de financiamento, desenvolvimento tecnológico, mercado agrícola, etc.

Como profissional da área de ciências agrárias e oriundo do segmento da pesquisa agrícola, sei avaliar muito bem os desafios e as dificuldades enfrentadas por uma organização como a nossa FAEMG, especialmente quando precisa, a duras penas, demonstrar o óbvio para as autoridades constituídas, lutar pelo que deveria ser automático diante das políticas públicas, provar a importância da agricultura com seus fortes efeitos para trás e para frente na economia. Tudo isso se torna mais penoso ainda quando é preciso destacar a decisiva importância da agropecuária frente às funções sociais que desempenha, como a geração de empregos, por exemplo. Enquanto na fruticultura se investem US\$6.000.000,00 para gerar emprego, na indústria química se investe US\$220.000.000,00. E mais, distribuir a renda, produzir, de modo a preservar o meio ambiente, proporcionar a paz ao produzir alimentos. E, por incrível que pareça, o nosso Brasil, até hoje, não tem ainda uma política de segurança alimentar. Evitar graves convulsões sociais, valorizar os recursos naturais, fonte de riqueza e razão da soberania e do patrimônio nacional, ser âncora de planos econômicos etc.

Mas o Brasil desperta, o Brasil, inclusive, está entendendo que o produtor rural é um coletor e um produtor de água. A crise de energia é, antes de tudo, uma crise de água, já que 90% da nossa matriz energética vem da nossa energia hidrelétrica. Portanto, até a solução da crise de energia passa também pelo produtor rural.

A agricultura, muito além de ser ou não importante na composição do PIB ou de financiar o setor urbano, é fator primordial para se acabar com a fome. E nesse caso não há discussão mais importante, porque é intolerável saber que existe uma alta taxa de mortalidade infantil, desnutrição, fraqueza generalizada de milhões de brasileiros, registro dos baixos índices de desenvolvimento humano, resultados de precária educação, de saneamento básico e de renda baixa. Registra-se, lamentavelmente, que 1/3 da população brasileira ainda vive abaixo da linha da pobreza. Portanto, a fome, vergonhosamente, ainda está presente em um Brasil tão pródigo de recursos naturais e de produtores competentes. Este País gasta recursos financeiros para assentar o desempregado. Quantos pequenos e médios produtores estão aí no campo à procura de algum incentivo que possa segurá-los no seu quinhão!

É extremamente forte a interação entre agricultura, educação, pesquisa agrícola, mão-de-obra qualificada, meio ambiente, alimentação, nutrição, mercado externo, competitividade, reforma agrária racional, agronegócio, agricultura de precisão etc. Nesse emaranhado de situações vividas pelo Brasil e, por consequência, pelo Estado de Minas Gerais, a FAEMG também vive momentos de desafios, entre uma agricultura tradicional e a pressão pela agricultura competitiva, moderna, com uso de tecnologia, num ambiente onde reina a insegurança devido à instabilidade político-administrativa dos governos.

Aqueles que não se encontram organizados terão muitas dificuldades de romper barreiras, muitas vezes casuísticas e até sem éticas, cujas restrições ao processo produtivo e às exportações sacrificam a nossa sociedade. Em todas as cadeias do complexo econômico agrícola, o segmento do agricultor é o mais disperso, competitivo e frágil e, por isso, o mais prejudicado. No entanto, os agricultores mineiros estão assegurados pela representatividade, pois o Estado de Minas Gerais orgulha-se de poder contar com uma federação como a FAEMG, que se preocupa não só com a organização e assistência ao produtor rural, mas trata-se de uma instituição de destacado apoio ao Governo, que formula e oferece subsídios para a elaboração de programas e políticas públicas, ao mesmo tempo que cobra posições de salvaguardas.

A FAEMG, que desenvolve suas atividades nos moldes da democracia participativa, mantém fortes parcerias com universidades, institutos de pesquisas, escolas, empresas, cooperativas, entre outros, além de participar de vários conselhos, comitês e comissões de órgãos governamentais. Tem mantido - e isso é muito importante para nós, Sr. Presidente da Assembleia Legislativa - estreito contato com esta Assembleia, participando de audiências públicas, debates, simpósios, cooperando com informações junto às comissões permanentes e apresentando sugestões que enriquecem os projetos de lei, durante o processo legislativo.

A FAEMG é o órgão maior do nosso Estado com relação a assuntos de defesa da nossa agropecuária. Também os sindicatos rurais devem buscar a liderança em cada município e ser, na verdade, autênticos guarda-chuvas de todas as instituições que têm relação com o setor agropecuario. É o sindicato rural que tem a responsabilidade de defender politicamente os interesses da nossa classe.

Portanto, os desafios são muitos. Em primeiro lugar, diante do defeito de formação da sociedade brasileira, que sempre espera um salvador da pátria - na colocação do nosso amigo, Dr. Mário Vilela -, dessa democracia frágil, em que o poder de pressão vale muito mais do que o poder de argumento. E, nessa abertura econômica do "salve-se quem puder", todos sabemos que a corrente sempre arrebenta do lado mais fraco. Por isso, Sr. Presidente Gilman, há a necessidade de nos organizarmos cada vez mais. Esta Casa, juntamente com a FAEMG, já iniciou um estudo sobre a criação de grupos de estudo de políticas públicas, porque não acredito em políticas públicas vindo de nenhum órgão governamental. Para mim, essa fase já passou. O órgão público tem competência, mas o poder público é muito assoberbado para esperarmos isso dele. Cabe a nós, sociedade civil, formular as políticas públicas, oferecer e exigir aquilo de que a sociedade precisa. Temos, também, de lutar por mais conhecimento e mais preparo da nossa mão-de-obra qualificada. Sem isso, nossa agropecuária não será competitiva.

Temos de implementar nossas reformas. Vejo as posições dos nossos companheiros, Deputados Federais em Brasília, muitas vezes fazendo boas ações, ações miúdas, mas temos de exigir deles, sim, uma ação maior. Hoje, fazer uma ação maior de fortalecimento do nosso setor agropecuario é exigir que o Governo faça, em primeiro lugar, a reforma política, para que a sociedade tenha confiança no processo político, tenha credibilidade, e, assim, nossa democracia possa ser fortalecida.

Há, também, as reformas tributária e fiscal, sem as quais sempre teremos nossos empreendedores cada vez mais como marginais. Infelizmente, hoje o Governo é um fabricante de marginais perante a lei. Temos que mudar esse quadro.

Representando, pois, 436 sindicatos e congregando mais de 400 mil pequenos, médios e grandes produtores rurais, a FAEMG presta relevantes serviços em áreas de fortalecimento da agropecuária, tais como: venda de produtos, promoção social, assistência econômica, assistência jurídica, representatividade, capacitação da mão-de-obra, saúde e previdência, assistência tributária, assistência trabalhista, divulgação e informação.

Portanto, aí está a nossa saudável FAEMG, organizada, dinâmica, consolidada, com os olhos simultaneamente nos seus associados e nas oportunidades do mundo, sob o comando firme e inteligente deste destacado líder rural, nosso amigo e companheiro Gilman Viana.

Parabéns aos produtores rurais, aos sindicatos rurais, à equipe da FAEMG e a todos os que têm a felicidade de ter esta Federação como parceira! Obrigado.

Palavras do Sr. Gilman Viana Rodrigues

Exmo. Sr. Deputado Antônio Júlio, Exmo. Sr. Hélio Machado, meu caro Presidente da Confederação, Dr. Antônio Ernesto Werna de Savo, cuja presença agradeço, e também a sua esposa, que aqui também está nos honrando, Sra. Jane; caro Deputado João Batista de Oliveira; meu ousado companheiro e amigo Deputado Paulo Piau; Deputado Antônio Júlio, uma atenção especial à sua acolhida à proposta do Deputado Paulo Piau, conhecedor que sou dos seus antecedentes agropecuarios e da sua ação política no Município de Pará de Minas, quando lá implantou um dos melhores parques de exposição da agropecuária do Estado, sem dúvida é um sinal natural de que a sua percepção vai além das paredes. Vai também até o campo; uma saudação aos meus companheiros de diretoria, João Roberto e Roberto Simões, que aqui se encontram, bravos companheiros dessa luta que descortinamos sem data; meus caros ex-Presidentes, Pedro Peroni, Breno, José Manuel Raposo, Sérgio Braga, Romero, Valter Barrancos, meus caros Presidentes de sindicatos rurais, meus companheiros; nobre representante do sistema CDL; o Sr. Brito, da Federação das Indústrias; todos os que vieram do interior participar conosco deste momento de alegria e sobretudo de registro de um trabalho; meus funcionários da Federação e do SENAR; caros Deputados que dedicaram seu tempo e vieram a este Plenário para nos valorizar nesta solenidade, o nosso muito obrigado.

Deputado Paulo Piau, quero voltar a uma dificuldade. Supunha que estava à altura de agradecer a homenagem, mas verifico que não estou à altura de responder e agradecer-lhe o tanto que V. Exa. expôs de dados positivos da FAEMG. Peço ajuda a minha esposa Yolanda para absorver essa homenagem, a você também devo muito desse trabalho.

Gostaria de falar que a história da Federação não é feita por mim. Tenho uma década à frente da instituição, com a atividade natural de identificar o que pensam os produtores, cujos porta-vozes são os Presidentes de sindicatos rurais e suas diretorias. Vamos trafegando pelo tempo, tentando crescer - porque somos pequenos e, sendo pequenos, é fácil crescer -, mas com a visão natural de que só o certo nos interessa, só o correto nos contempla, o que nos dá a segurança de ser insistentes e exigentes, não pelo prazer de exigir, mas por pura consciência de nossos direitos. Exigir não é brigar, mas, sobretudo, exercitar o mínimo de competência para colocar na mesa o que é correto, o que é devido. Esse é um exercício permanente de quem se põe à frente de uma instituição do tamanho da Federação - que é grande por si mesma, não por mim. E estou à frente da Federação por vontade dos nossos 436 sindicatos rurais, que muito nos honram.

Essa estrada é longa. Iniciou-se com Josaphá Macedo, em 1951. Em seguida, tivemos um grande Presidente: José Álvares Filho. Logo após, tivemos o saudoso Edilson Lamartine Mendes, que, na Presidência da Federação, morreu em um acidente de carro, indo de Belo Horizonte para Uberaba. Depois, tivemos Antônio Ernesto de Savo, brilhante introdutor de mudanças na Federação, o qual hoje dirige a Confederação Nacional. No interstício de seu mandato, tivemos a presença do Deputado Odelmo Leão, também um dinâmico companheiro, na Presidência da FAEMG. Depois de Antônio Ernesto, tendo ele sido convocado pelos brasileiros para dirigir a Confederação Nacional da Agricultura, fui conduzido à Presidência da Federação para desempenhar um papel então muito maior do que minha capacidade, mas no qual, sem dúvida, muito aprendi, porque a inserção da agricultura no discurso público brasileiro é uma garimpagem permanente. Vê-se, em seguidas posições, a agricultura ser colocada após um projeto - após o projeto Brasil; após o projeto Minas Gerais, não tendo em Minas nem "o após" ocorrido ainda. Precisamos urgentemente de competência política para a verificação dos fatos; para que se veja quanto são necessários e importantes, na textura da sociedade, a agricultura e o agronegócio.

Percebemos com muita clareza, em vista das mudanças implantadas na chamada abertura econômica mundial, que trouxeram em seu bojo o que estamos vivendo hoje e que chamamos de abertura política, que esta Casa, o parlamento, é o escoadouro de nossas esperanças. É aqui que depositamos as oportunidades de ser ouvidos e entendidos. Aqui, os eleitos são a mescla da sociedade, e, sendo mescla, parte deles há de ser da agricultura, como o é, de fato. O Presidente da Comissão de Política Agropecuária e Agroindustrial, João Batista de Oliveira, tem demonstrado essa identidade com muita clareza. É a segunda vez que convivo com ele na Presidência da Comissão, e sei que sempre tem fatos novos a colocar para a identidade do setor rural na sociedade como um todo. O Deputado Antônio Júlio na Presidência da Assembléia significa, aos olhos de todos, que no meio rural há pessoas capazes de exercer mandatos, o que é privilégio dos competentes. Parabéns, Deputado Antônio Júlio.

E o esbelto Deputado Paulo Piau, que mais parece um esgrima trafegando pelos pingos de água, surpreende-nos pelo tom da voz, não pelo timbre, mas, sobretudo, pela precisão e pelo conteúdo - como é forte na defesa dos interesses da pecuária e da agricultura do Brasil, não só de Minas.

Essa interface que a produção de um Estado ou de um país há de fazer com o parlamento moderno é, sem dúvida, o caminho que temos de percorrer para encontrar auditórios que se disponham a nos ouvir, não apenas a ficar sentados diante de quem fala. As angústias por que passamos não são privilégio da agricultura; são, sobretudo, consequência do baixo nível de escolaridade que se verifica na sociedade brasileira.

É penoso capacitar as pessoas e não encontrar nelas a preparação básica para receber o produto do conhecimento. Não há nada que proporcione maior alegria que aprender e ter segurança de que sabe.

O SENAR, organismo fantástico, capacita, a cada ano, 60 mil trabalhadores e pequenos produtores rurais e dá-lhes profissionalização adequada às suas atividades. Todavia, chegamos a um ponto em que deparávamos com pessoas que sabiam conversar e tinham domínio do que queriam, porém não conseguiam anotar o registro da cobertura de uma vaca, porque não sabiam escrever. Resolvemos, em nível de Conselho Administrativo, alocar 10% das verbas do SENAR destinadas à formação profissional para a alfabetização de adultos.

Uma vez, participei do encerramento de um dos treinamentos; foi lida a mensagem de um alfabetizado, com os seguintes dizeres: "Agora, consigo ler a bula do remédio que estou tomando, agora consigo enxergar". Encerrada a solenidade, ele correu até mim, para abraçar-me e agradecer-me por ter proporcionado aquela realização às pessoas.

Fiz, então, a seguinte reflexão: ficamos alegres ou tristes? Dotados de recursos para construir o futuro, tivemos de parar e olhar para trás, já que o poder público não cumpriu seu papel de alfabetizar e escolarizar as pessoas, para que pudessem ter capacidade de escolher, inclusive, por meio do voto. Tivemos de socorrer, sem a obrigação de fazê-lo, apesar de fazê-lo com alegria.

Registramos, com tristeza, que estamos perdendo energia, porque, ao invés de avançar, tivemos de dar um passo atrás, para substituir o poder público. O Brasil está pagando caro por isso.

O poder público, em todas as esferas, e todas as pessoas deveriam preocupar-se em proporcionar maior conhecimento a quem sabe pouco. O saber não tem limites, e quem sabe não há de ter restrições em ensinar, porque quem ensina aprende mais. O poder público, que enxerga a educação como instrumento de progresso, está aprendendo a dar alegria e poder de escolha à população. Não há alegria maior para uma pessoa, dirigente ou instituição do que usar adequadamente a oportunidade de ser útil aos outros, ensinando a ser competente e a conhecer suas potencialidades e energia, para, inclusive, reivindicar.

O mundo está exigindo preparação. Preocupamo-nos com a abertura e a entrada de multinacionais no mercado, mas deveríamos preocupar-nos com nossa maior preparação. É urgente preparar e mudar nossa percepção, pois a vida sem preparação fica, cada vez mais, penalizada, já que a demanda da área social aumenta, uma vez que não temos agentes para produzir a economia.

A exclusão social é uma visão distorcida, pois esse povo não foi excluído; na verdade, nunca esteve incluído. E esse não fazer parte foi a postura preferida pelo projeto público brasileiro. Porém, a sociedade que não tem educação e escolaridade não tem percepção do controle familiar, das doenças contagiosas, e o mundo social passa a perseguir o mundo econômico.

Cada vez mais, o Brasil é pressionado a administrar dois países: o que anda e o que precisa ser carregado. Caso a política pública não perceba que é preciso diminuir o peso do país que tem de ser carregado, o país que carrega pode exaurir-se.

A atividade produtiva precisa ser verificada e considerada interessante para a preservação da existência da renda. Quando reclamamos e exigimos, não estamos fazendo isso por nós. Estamos tendo a ousadia de enxergar o Estado e o País, com a intenção de preservar a qualidade de vida, contando com a participação de todos, não apenas buscando verbas para o socorro social. O paternalismo do passado gerou uma educação protecionista e exigiu, cada vez mais, verbas públicas em substituição ao trabalho. Essas verbas são limitadas, e a demanda é crescente. A reversão dessa situação somente ocorrerá com a elaboração de um projeto fantástico e abrangente relativo à educação básica.

A história do êxodo rural em um discurso público é fantástica. Trata-se de um discurso perverso, que diz que o êxodo rural provoca a favelização das cidades, que essas pessoas são socialmente desqualificadas, devendo ficar no campo, sem assistência, lazer, educação, saúde e sem liderança para reclamar por eles. O discurso brasileiro ainda não dissocia, em época de eleição, a demanda do discurso social, mesmo sabendo que o que foi dito não será cumprido. É lamentável que esse discurso seja necessário no processo eleitoral. A verdade há de ser a trilha dos homens sérios de qualquer país, mesmo que contrarie os interesses de alguns segmentos e de algumas pessoas. No caminho dessa esperança, a agricultura, juntamente com a Assembléia Legislativa de Minas, busca oportunidades para todos. Não somos diferentes e não aceitamos ser rejeitados. O Brasil há de ser um país onde os setores econômicos se entrelacem, por meio das suas competências e das suas peculiaridades, sem o distanciamento da qualificação do setor como produto. Não podemos pensar que tudo que se refere ao segmento rural é despreparado, tem menos direito e tem de ser deixado para depois. Marcharemos juntos.

Esta homenagem que a Assembléia Legislativa presta à Federação da Agricultura traz-nos a esperança e um sinal claro de que a agricultura do Estado tem um lugar de mérito na composição da cultura legislativa e política deste Estado. Tenho a certeza de que não estão fazendo apenas uma homenagem para constar nos anais desta Casa. Estamos sendo identificados como um setor que mereceu a articulação do Deputado Paulo Piau e que contou com a plena acolhida do Presidente da Casa, Deputado Antônio Júlio. A Federação da Agricultura, ao ser homenageada com galhardia pela Assembléia Legislativa, está sendo aceita pelo parlamento de Minas como parceira do progresso do nosso Estado. Muito obrigado.

O Sr. Presidente - A Presidência tem a honra de entregar ao Sr. Gilman Viana Rodrigues, Presidente da FAEMG, uma placa alusiva a esta homenagem, com os seguintes dizeres. (- Lê:)

"Graças ao excelente trabalho desenvolvido, há 50 anos, pela Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais - FAEMG -, a qualidade dos nossos produtos tornou-se conhecida em todo o mundo, possibilitando a conquista de novos mercados. Belo Horizonte, 25 de junho de 2000. Deputado Antônio Júlio, Presidente.". Convido o Deputado João Batista de Oliveira e o Deputado Paulo Piau para que, juntos, possamos fazer a entrega da placa.

- Procede-se à entrega da placa.

#### Encerramento

O Sr. Presidente - A Presidência manifesta seus agradecimentos às autoridades e aos demais convidados pela honrosa presença e, cumprido o objetivo da convocação, encerra a reunião, convocando os Deputados para a reunião extraordinária de amanhã, dia 26, às 9 horas, nos termos do edital de convocação, e para a reunião ordinária da mesma data, às 14 horas, com a seguinte ordem do dia: (- A ordem do dia anunciada é a publicada na edição do dia 26/6/2001.). Levanta-se a reunião.

## MATÉRIA ADMINISTRATIVA

### ATO DA MESA DA ASSEMBLÉIA

Na data de 4/7/2001, o Sr. Presidente, nos termos do inciso VI, art. 79 da Resolução nº 5.176, de 6/11/97, c/c as Resoluções nºs 5.100, de 29/6/91, 5.130, de 4/5/93, 5.179, de 23/12/97, as Deliberações da Mesa nºs 867, de 13/5/93, 1.509, de 7/1/98, 1.576, de 15/12/98, e 1.993, de 20/2/2001, observada a estrutura estabelecida pela Deliberação da Mesa nº 1.935, de 2000, assinou o seguinte ato relativo a cargo em comissão e de recrutamento amplo do Quadro de Pessoal desta Secretaria:

Gabinete do Deputado Alencar da Silveira Júnior

exonerando, a partir de 17/7/2001, Hécio Rosa Paiva do cargo de Atendente de Gabinete II, padrão AL-07, 8 horas.